

A NEGAÇÃO: impedimentos produtivos na vida de um professor de artes

Wester Castro Ferreira¹

Resumo

Qualquer docente sempre encontra inúmeras dificuldades para o desempenho de sua profissão. Seja a estrutura da escola que não atende suas necessidades ou a indisciplina de algum aluno que incomoda seu horário, tudo parece colaborar para que uma boa aula nunca aconteça. Ao encontrar dificuldades na elaboração de um plano de aula que satisfaça a si e a seus estudantes, um professor de Arte decide analisar sua biografia com a intenção de organizar o percurso que o levou à docência e descobre que as negações ao longo de sua vida representam em grande escala as escolhas que fez. Diante disso, esse professor busca novos estímulos e possíveis respostas para os desafios que serão encontrados na sua carreira profissional.

Palavras-chave

Arte. Licenciatura. Experiência.

Recebido em: 14/09/2019
Aprovado em: 16/11/2019

¹ Mestrando em Arte-educação pela Universidade Federal de Minas Gerais através do programa Prof-Artes. Professor credenciado à Fundep (Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa/UFMG departamento de Gestão de Concursos). Parecerista do 7º CONFAEB (Congresso Internacional da Federação de Arte/Educadores). Graduado em Licenciatura e Bacharelado no curso de Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais. westercastro@hotmail.com

THE DENIAL: productive impediments in the life of an art teacher

Abstract

Any teacher always finds numerous difficulties in the performance of his profession. Whether the school structure does not meet your needs or the indiscipline of a student who bothers your schedule, everything seems to collaborate so that a good class never happens. Upon encountering difficulties in developing a lesson plan that satisfies himself and his students, an Art teacher decides to analyze his biography with the intention of organizing the path that led him to teaching and discovers that the denials throughout his life represent large-scale the choices he made. Therefore, this teacher seeks new stimuli and possible answers to the challenges that will be encountered in his professional career.

Keywords

Art. Graduation. Experience.

Introdução

O presente artigo é resultado de um trabalho avaliativo apresentado à disciplina “A experiência artística e a prática do ensino de artes na escola (abordagens metodológicas)” que se estrutura em duas partes articuladas e referenciadas a partir das ideias de Jorge LarrosaBondía e John Dewey.

A primeira parte do trabalho, titulada de “O Menino”, narra através de 06 momentos a trajetória biográfica de uma criança até sua escolha profissional. São descritas em cada momento diferentes fases da vida desse personagem nas quais, em cada fase, um *novo não* é apresentado, revelando por fim como esses impedimentos levaram o tal menino à sua escolha profissional.

A segunda parte, “O Eu”, apresenta uma narrativa em primeira pessoa que descreve o percurso que me levou a escolher o Mestrado Profissional em Artes como lugar de fomento para novas práticas em sala de aula para o ensino de Teatro na escola formal.

Por fim, nas considerações finais, a apresentação de uma ideia, em formato de carta endereçada a professores e demais pessoas que se interessam ou tem algum envolvimento com a educação.

PARTE I – O MENINO

1 – Pedra, papel ou tesoura

Tudo começa quando a criança apresenta alguns de seus desejos ao mundo. Um pedido aos pais. Um novo prazer disfarçado de brincadeira. Uma mania que insisti em aparecer dentro e fora das rotinas.

A criança em questão, sexo masculino, larga a bola de futebol e mergulha nos livros da biblioteca. Tem 8 para 9 anos. Cria desgosto pela bola e tenta encontrar na literatura um prazer físico que encontrava nas aulas de educação física. Tenta substituir o gosto pelas linhas do campo nas linhas dos contos. Não consegue. Pobre criança conhece suas primeiras frustrações. E com as frustrações vêm às experiências, pois “o sujeito da experiência é sobretudo onde têm lugar os

acontecimentos” (BONDÍA, 2002, p. 24). Não são harmônicas as linhas que promovem experiências. Um dia, essa criança que lê de tudo vê um cartaz colado acima do bebedouro no pátio da escola. “Festival de Dança – Lambada. Inscreva sua dupla”. Uma tentação. Uma ligeira vontade abafada pela vergonha. Pensamentos de censura repletos de preconceitos.

As semanas passam e, as vezes, as semanas passam como se fossem anos e fica cada vez mais claro que as experiências não se moldam a partir do acúmulo de horas vividas, pois “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, o que acontece, o que toca” (BONDÍA, 2002, p. 21). Nesse tempo, os livros passam de salvação para desinteressantes. A biblioteca deixou de ser legal. Todos os dias a criança vê o cartaz acima do bebedouro. E se esse menino resolvesse participar, com quem ele dançaria? Nomes brotam e caem. Empolgação e desânimo. Até que um dia ele recebe um convite. Uma aluna de sua turma disse: “Vamos?!” e ele aceita.

2 – Lambadas do destino

Antes era a bola, depois os livros, agora a dança. Seria forçoso dizer que uma coisa levou à outra de forma fluída e compreensível. Seria cômodo dizer que um fato leva a outro e que isso de qualquer forma gera experiências significativas. Seria improdutivo analisar os fatos isoladamente sem analisar os espaços sutis que há entre um fato e outro

Isso porque, em muito de nossa experiência, não nos interessamos pela ligação de um incidente com o que veio antes e o que vem depois. Não há interesse que controle a rejeição ou a seleção atenta do que será organizado na experiência em evolução. As coisas acontecem, mas não são definitivamente incluídas nem decisivamente excluídas; vagamos com a correnteza. Cedemos de acordo com a pressão externa ou fugimos e contemporizamos. Há começos e cessações, mas não inícios e conclusões autênticos. Uma coisa substitui a outra, mas não a absorve nem a leva adiante. Há experiência, porém é tão frouxa e discursiva que não é uma experiência singular. (DEWEY, 2010, p. 116).

Por isso é melhor dizer que foram lambadas do destino que fizeram esse menino pular de um gosto para outro até chegar, assim, no dia do festival de dança. Na sua vez ele dançou como nunca imaginou dançar. Dançou, mas não ganhou a competição. Era possível ver enquanto dançava a

faixa vermelha amarrada na cintura, parte de seu figurino, reluzindo à luz do sol na quadra aberta da escola. Tudo parece muito lindo. Mas aquela derrota não caiu bem. Não ser o campeão do concurso de dança deixou o menino triste. O primeiro “NÃO” que jamais esqueceria. Agora sim é possível alinhar de alguma forma seus desejos, pois a tristeza da derrota pode aproximar as experiências e agora perder o concurso de dança fez nascer uma nova vontade. Esse menino deseja, a partir desse dia, ser bailarino.

3 – O NÃO da mãe

O menino diz à mãe que deseja estudar balé. A mãe entende que ele gosta de fazer atividades físicas e no dia de matriculá-lo, no lugar de uma escola de dança, ela leva-o para uma academia de tae-kwon-do. Seu vizinho é professor de artes marciais e é nisso que sua mãe embasa o preconceito que ela tem. Segundo ela será mais cômodo ter o filho na escola de alguém conhecido e confiável.

O filho é convencido. Começa o tae-kwon-do e vai indo. A dança vai dando lugar aos exercícios físicos e filosóficos da Academia Águia. O balé vai ficando distante a cada golpe dado e levado nos passos de um atleta iniciante. A dança vai saindo de cena. A antiga faixa vermelha que cintilava no concurso de lambada dá lugar à faixa branca. Da faixa branca para a amarela o menino vai bem. Até porque “é possível ser eficiente na ação e não ter uma experiência consciente. Uma atividade pode ser automática demais para permitir uma sensação daquilo a que se refere e para onde vai” (DEWEY, 2010, p. 114). Logo, o menino se desinteressa quando vê que para a progressão de novas faixas seria preciso, além da demonstração de exercícios individuais, lutar com os colegas de turma, competir, dar chutes e se defender. Foram 4 meses de tatame. O Tae-kwon-do acaba e agora não sobra nada além da rotina de um estudante de 10 anos.

4 – O NÃO do amor

Com o início da puberdade sentimentos novos se afluam. Surge o primeiro amor na vida desse menino. A namoradina em questão é uma colega de sala de aula cujos pais são evangélicos. O menino é apresentado à igreja, frequenta os cultos dos sábados e a escola dominical. Um dia

descobre que há um grupo de teatro cristão. A namorada participa e ele é convidado a participar também. Os ensaios acontecem uma vez por semana. O grupo começa uma nova montagem e o menino descobre no teatro uma possibilidade de sair da rotina. Talvez inconscientemente ele converta no teatro suas experiências passadas: a atividade física, a literatura, a arte da dança e a disciplina dos treinos quando estava no Tae-kwon-do. Tudo isso ele encontra, de alguma forma, agora nos ensaios.

No dia de elencar os personagens para a nova peça, ele tem um novo “NÃO” em sua vida, pois, queria fazer o papel de Diabo, mas como era novo no contato com a palavra de Deus ele só poderia fazer personagens menos complexos diante das escrituras sagradas. Na igreja e no grupo que frequentava os papéis de Jesus e Satanás só poderiam ser desempenhados por fiéis com mais tempo de atividade cristã. Esse fato acaba por desestimular e muito o futuro ator. Assim, o menino começa a faltar aos cultos e aos ensaios, por consequência a namorada fica insatisfeita e resolve romper o relacionamento e então terminam o namoro de quase um ano. Tristeza e vazio enchem a vida do desviado. Ele perde ao mesmo tempo a religião e a namorada. Diz a palavra e sente o menino que

Todas as emoções são qualificações de um drama e se modificam com o desenrolar do drama. Diz-se, às vezes, que as pessoas se apaixonam a primeira vista. Mas aquilo por quem caem de amores não é uma coisa daquele instante. Onde ficaria o amor se fosse comprimido em um momento em que não houvesse espaço para estima e solicitude (...) Para se tornarem emocionais [os sentimentos] precisam fazer parte de uma situação inclusiva e duradoura que envolva o interesse pelos objetos e por seus desfechos. (DEWEY, 2010, p. 119-120).

Por isso, talvez, em breve ele vai se esquecer da namorada, mas nunca mais vai esquecer o teatro e tão pouco o papel de Capeta que um dia ainda quer fazer.

5 – O NÃO do teatro

Depois de muita insistência sua, a mãe o inscreve em uma escola de introdução ao teatro que fica na capital. Nessa escola o menino se encontra como nunca antes pensara em se encontrar. Cria amigos com os quais até hoje mantém contato. Nas aulas faz esquetes cômicas e trágicas e se experimenta como dramaturgo. Escreve peças e participa com seu grupo de festivais de teatro

amador. Descobre que Teatro é profissão e, por isso, junto com seus oito amigos decide passar por um processo seletivo de uma escola Técnica em Teatro.

Tem 15 anos quando toma essa decisão para sua vida profissional. Os 8 amigos seguem etapa por etapa. São 5 etapas no total para se conseguir uma das 20 vagas disponíveis. Todas as etapas são eliminatórias. Tudo vai bem. Os 8 amigos estão na última etapa. Agora restam 30 candidatos para as 20 vagas. Todos passam só o menino que não. É verdade, seus amigos tentam o consolar. Ficam tristes com ele, mas cada um sente a seu modo que

A experiência é sempre particularizada, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrente o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. (BONDÍA, 2002, p. 27).

Há outro processo para se tentar uma vaga em outra escola também de nível técnico. Mesmo sem os amigos o menino decide tentar. Novas etapas, novas eliminações. Ele chega até a última prova e novamente não passa. Agora é preciso pensar além, pensar maior para compensar as frustrações. O menino então pega sua mochila. Nunca tinha ido a outro estado. Então se vê como um ser radiante de coragem, um sujeito disposto a efetivas experiências “que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião”. (BONDÍA, 2002, p. 25). Parte para São Paulo aonde tenta um novo processo seletivo, agora em uma das escolas mais referenciadas no Brasil no ensino técnico de teatro, são mais de 800 candidatos de todo país para 40 vagas. Aqui a história não vai encerrar-se como em um romance de final heroico e feliz, pois mais uma vez o menino não consegue.

6 – A PAUSA

Nessa hora parece que o presente artigo não faz sentido. Um curso de instrumentação cirúrgica passa a ser a nova ocupação do menino. Serão 15 anos de sua vida em plantões noturnos. Fraturas, apendicites e craniectomias. O artista fica em coma. Fica em coma, mas não morre. Pois é na pausa muitas vezes que observamos a vida das coisas e

A experiência, a possibilidade de algo que nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que

correm: requer parar para pensar, para par olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p. 24).

Agora as necessidades são outras e o menino deseja fazer um curso superior, sobretudo porque nenhuma de suas investidas para os cursos técnicos deu certo. Assim, decide prestar vestibular para Teatro. Estuda entre uma cirurgia e outra para as provas.

Um dia, após uma histerectomia, senta em um canto da sala cirúrgica e folheia um livro de Teorias do Teatro. A ginecologista, curiosa com o volume do exemplar pede para dar uma olhada e encerra sua breve análise com um comentário “Nossa... tem teoria pra tudo mesmo...” e emenda “Minha filha pode estudar o que quiser, depois (e frisou) depois de fazer medicina”. Naquele momento o menino que recebera tantos NÃOS resolveu dar a si próprio um SIM. “Sim” ele respondeu “Existe teoria para tudo”. E teve pena da filha da médica. É que aquela mãe, de alguma forma, representa a escola caduca com a qual nos deparamos diariamente. Uma escola que não vê que o sujeito da experiência “não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer”. (BONDÍA, 2002, p. 24). Talvez não fosse possível fazer nada com relação aos preconceitos da médica, mas era possível fazer com que sua filha e a filha de tantos outros crescessem tendo mais possibilidades. O menino cansa da sala de cirurgia e decide ir para a sala de aula. Decide naquele dia que o que faria na faculdade era ser professor, professor de Arte. Seria professor para ensinar aos seus alunos que é possível ser muita coisa nessa vida.

PARTE II – O EU

Quando entrei para o curso de Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais, o ano era 2005, fui rapidamente atraído pelo currículo da Licenciatura. Quatro anos se passaram na

universidade, concluí meu curso e tive a possibilidade de prestar concurso público. Aprovado e convocado iniciei minha trajetória na Educação.

Em 2012 quando comecei a lecionar Arte, na cidade de Betim, não havia um teatro aonde pudesse levar meus alunos. Hoje, seis anos depois, este teatro ainda não existe. Ou seja, dou aula de teatro em uma cidade que não tem um teatro.

Sei que esta situação é parecida com a de muitos outros colegas de profissão, por isso, não me deixo abalar. Ainda que de fato seja uma constatação muito triste.

Enquanto funcionário público de uma cidade eu tenho minhas responsabilidades; assumo um cargo para lecionar aula de Arte para um grupo de alunos que chama a atenção por sua carência de bens artísticos. Adolescentes do 6º ao 9º do ensino fundamental que em quase sua totalidade nunca assistiram uma peça teatral, por exemplo, e que até então entendiam por fazer artístico o ato de colorir, e só.

Então, “Por onde começar?” Essa foi a primeira pergunta que me fiz buscando um norte para o conteúdo programático no início da minha carreira. Aliando minhas aulas ao convite da professora de História para trabalharmos juntos, decidi conduzir os alunos a um breve percurso Histórico-Artístico que foi traçado de forma objetiva da Pré-História ao Renascimento. Algo que pode ser facilmente contestado nas novas pedagogias do ensino da Arte, mas que, de fato, me auxiliou muito enquanto recém docente apresentado à profissão.

Chegado ao período Renascentista me deparei com uma lista no livro didático com nomes de artistas importantes deste período. Noto a ausência do nome de um grande dramaturgo. Isso me soa doloroso, não que uma lista mais completa de artistas renascentistas me traria prazer é que na ausência percebo “que incorporar, em qualquer experiência vital, é mais que por algo no topo da consciência, acima do que era sabido antes. Envolve uma reconstrução que pode ser dolorosa”. (DEWEY, 2010, p. 118). Então, abandono naquele momento o livro e por conta própria aprofundo os conhecimentos que tenho sobre William Shakespeare para apresentá-lo aos meus alunos. E é nesse contexto que inicio minhas aulas com foco em Teatro. Criando uma independência produtiva da minha disciplina dentro da escola. Somando minha prática anterior de escrever peças à minha atividade em licenciatura.

Pesquisei e elaborei materiais acerca de William Shakespeare, sua vida e sua obra e escolhi a peça *Hamlet* por ser algo diferente para os estudantes, pois, muitos alunos já tinham ouvido falar sobre *Romeu e Julieta*, mas nada sabiam sobre *Hamlet*.

Fizemos a leitura da peça. Analisamos elenco, fatos importantes de cada cena, principais personagens e, assim, o trabalho se iniciou. Do contato dos estudantes com essa obra nasceu o que chamei de “Fragmentos Hamlet”. Ou seja, 05 cenas da peça original, articuladas e apresentadas pelos alunos, convergindo em uma mostra de esquetes como nosso trabalho de finalização para um ano de aulas.

Até o ano de 2015 ainda não havia trabalhado mais que 01 ano letivo com cada turma. As turmas eram sempre renovadas de forma que de ano em ano eu sempre tinha alunos novos “E na escola o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece” (BONDÍA, 2002, p. 23). Por isso, em 2016 resolvi continuar com as mesmas turmas e com daí surgiu a necessidade de elaborar aulas para um segundo ano de curso. Começa a nascer o meu interesse em uma pós-graduação. Paro e reflito como as aulas de Teatro podem trabalhar o elemento Dramaturgia. Como apresentar esse constituinte cênico aos alunos do ensino fundamental? E mais: se além de somente apresentar um texto, também, dar-lhes a oportunidade de escrever uma Dramaturgia? Como chegar nesse ponto?

Uma nova e desafiadora pergunta me aparece: “Como conduzir estudantes de teatro, no ensino fundamental, de um texto clássico à elaboração de uma Dramaturgia autoral?”.

Agora é preciso assimilar outros conteúdos programáticos que conduza este segundo ano letivo com as aulas de Teatro. É com essa intenção que encontro no Mestrado Profissional em Artes uma oportunidade para desenvolver minha pesquisa e nela analisar processos, atividades, elaborar práticas e exercícios que me auxiliem nessa condução. Encontrando incentivos que estimulem o meu estudante a ter o prazer de escrever para teatro. Descobrimos meios para uma nova abordagem pedagógica que acrescente valores às aulas de Teatro dentro da escola. E apresentando minha experiência às práticas de outros professores de Arte.

É assim chego ao Mestrado Profissional em Artes com essa provocação e com um projeto que contempla, inicialmente, o contato dos estudantes com uma das obras mais difundidas de William Shakespeare, a tragédia Hamlet. Levando o aluno a conhecer os vários elementos constituintes de uma peça de teatro, por conseguinte a diferenciar os diferentes conceitos que abrangem o termo Dramaturgia dentro do teatro e, com isso, valorizar a importância da figura dos dramaturgos no fazer teatral.

Como desdobramento do contato com uma peça clássica, o projeto busca conduzir o estudante a praticar o exercício de escrever dramaturgias para o teatro. Tornando o objetivo central desta pesquisa o de estimular a capacidade de imaginar do estudante e orientá-lo a articular sua imaginação transformando suas ideias em dramaturgias.

Considerações Finais

Carta a um professor

Caro Professor,

É sabido que o cenário político e econômico da educação no Brasil não têm facilitado uma relação de ensino-aprendizagem produtiva e satisfatória “estamos cada vez mais convencidos que os aparatos educacionais também funcionam cada vez mais no sentido de tornar impossível que alguma coisa nos aconteça”. (BONDÍA, 2002, p. 23). Mas podemos acreditar que as negações que recebemos ao longo da vida são propulsoras de novos movimentos, novos caminhos. Por isso, convido você, diante desse triste diagnóstico, a visitar o seu passado, quase como em um exercício de regressão e nessa viagem tentar lembrar os fatos, os motivos que o fizeram chegar a ser um professor e a estar aqui nesse momento lendo esta carta. Rascunhe em um papel as palavras que lhe aparecem constantemente ao longo da sua história. Eu descobri, quando fiz essa mesma atividade, que muitos “nãos” me foram ofertados ao longo da minha vida. Mas você vai descobrir a sua ou as suas palavras; escreva em um papel afim de não esquecê-las. Sabemos que a memória de um professor oscila entre muito boa e o esquecimento terapêutico. Olhe e repare que essa palavra, seja ela qual for, tem pelo menos dois sentidos. Um positivo e um negativo. Faça uma escolha. Assim com Larrosa eu creio nas palavras “eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que

fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco”. (BONDÍA, 2002, p. 21). Escolha um sentido para sua palavra. Talvez você irá descobrir depois disso que é preciso ir ao bebedouro, tomar um gole de água olhar acima e enxergar um cartaz que te convide a seguir novos rumos. Talvez o sentido que você atribuiu a sua palavra faça você deixar de ser professor. Talvez você volte à primeira biblioteca que visitou quando ainda era criança e descubra novos livros, novas idéias que te servirão como estímulo para se transformar em outro professor. Ambas as opções são maravilhosas, sobretudo se vierem seguidas de um momento de silêncio. O tamanho do seu silêncio pode representar a importância da experiência que você terá com sua palavra. Mas te peço licença para fazer um pedido. É esse: independente das descobertas que você faça através de suas palavras, dos caminhos que decida trilhar e como vai fazê-lo, independente do seu parecer não duvide nunca da força da força que tem o ensinar e o aprender, pois eles representam em qualquer lugar, em qualquer idade a existência do próprio indivíduo.

Belo Horizonte, novembro de 2018.

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência.*Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

DEWEY, Jonh. Arte como experiência; org. Jo Ann Boydston(trad. Vera Ribeiro; introd.: Abraham Kaplan) SÃO PAULO: MARTINS, 2010, 646 p.